

Esboço de uma ética universal luliana Sketch of a transcendental lulian's ethic



Ciléa Dourado (Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio)

Resumo: Para Raimundo Lúlio o homem é o "animal homificante", o único que ao participar da matéria e forma do universo edifica a si mesmo. A virtude anímica que dota a alma racional de memória, entendimento e vontade, é o espaço onde se forja o princípio da auto-determinação humana e de sua consciência. O fundamento da ética universal e transcendental luliana está em que todos os homens de qualquer raça ou credo possuem a virtude trina atualmente no ser, e de igual modo, todos são capazes de pensar, entender e amar. Isto não significa ruptura com o divino, pois é Deus quem conserva cada criatura no ser, conseqüentemente é imanente ao seu atuar, mas significa uma nova visão de Deus como potencializador e colaborador na atualização de sua perfeição. Assim como tenho a liberdade para realizar aquilo que me aperfeiçoa no ser, posso utilizar mal esta liberdade e comprometer o ser. O mal-uso desvirtua a vontade que não segue o entendimento, possibilitando que o vício se apóie. O vicioso abomina seu ser e desconhece que está no mal, pois sem o esclarecimento da virtude, a memória não contempla, o entendimento não entende e a vontade não ama.

Abstract: For Lúlio man is the "humanizing animal" (the one that humanize his context), the only one that while participating in the matter and form of the universe he builds himself. The psychic virtue that endows the rational soul of memory, understanding and will is the space where the conscience and the first cause of the human self-determination are forged. The basis of the Lullian universal and transcendental ethics is that all men of any race or belief possess the trinitary virtue which supports them on being, as well as all of them are able to think, to understand and to love. This doesn't mean a rupture with the divine, because it is God who keeps each creature on being, consequently He is inner its actions. It means a new vision of God as the one that enables the human essence and contributes updating human perfection. Since I have the freedom to accomplish it that improves me on being, I can use this freedom in a wrong way and go against being. The bad use of freedom depreciates willing, that doesn't follow understanding, allowong vice to fix. The vicious abominates his being and ignores he is in the Evil, because without the

illumination of virtue, the memory doesn't meditate, understanding doesn't understand and willing

Palavras-chave: Raimundo Lúlio, Ética, Ser, Esse, Virtude, Trindade.

Keywords: Ramon Llull, Ethic, Be, Virtue, Trinity.

Introdução

Um dos pontos mais admiráveis no pensamento do beato-filósofo maiorquino Raimundo Lúlio é a sua atualidade. Do século XIII, Lúlio nos traz soluções para questões modernas, fazendo com que tenhamos um interesse sempre renovado em sua figura. Lúlio pensou e expôs a essência do homem, e ela é simultaneamente interatividade e extra-atividade em qualquer espaço e tempo.

A visão profunda do 'Doutor Iluminado' o inclinava a buscar a unidade divina (Lúlio unificou tudo sob a ótica do ato do ser) acima da multiplicidade e diversidade, pois acreditava que a verdade teológica e filosoficamente fundamentada (uma velha idéia cristã, a que Deus revelou-se em dois Livros: a Bíblia e o Livro do mundo) estaria sempre em concordância com o uno, o centro de equilíbrio de todo o universo. O destino de toda a criação é a perfeição: quanto mais perfeita for a atividade das criaturas irracionais, mais refletirá a verdade divina.

Na criatura racional e pessoal por excelência, o ser humano, quanto mais perfeita for esta atividade, mais a verdade divina se manifestará (na hierarquia luliana dos seres, o homem se encontra na primeira escala, que vai dos seres menos perfeitos aos mais perfeitos, ocupando posição privilegiada entre os animais e os seres celestes e constituindo uma realidade pessoal, mais perfeita e acima das outras realidades infra-pessoais). Esta tensão à plenitude, característica intrínseca de todo ente, adquire nova dignidade no homem: é a abertura ao transcendente, a participação no mistério, a unificação da humanidade. Por essa característica essencial, toda e qualquer diferença, seja cultural, étnica ou lingüística pode ser superada em prol da participação comum no transcendente. O ser humano é dimensão única, onde corpo, mente e espírito manifestam-se simultaneamente, o tempo todo.

No decorrer da história humana, especialmente no Ocidente, observamos a íntima luta travada entre o racional e o emocional, valorizando-se a razão e a lógica em detrimento da sensibilidade. O pensamento filosófico revela que as reflexões humanas se dividem em dois universos: o corpo e a alma, o material e o espiritual, o inteligível e o sensível. Este dualismo traz um problema, pois o ser humano é na realidade um todo integrado.

Por sua vez, Lúlio ultrapassa a antiga definição clássica de homem como "Animal Racional" e inaugura uma visão holística do ser integral: o homem não executa apenas uma atividade racional, mas uma atividade "humanizante", "homificante", vital e integral, e esta noção vai além dos limites da racionalidade.

O homem luliano não é apenas bidimensional, mas tridimensional, pois se apóia no número três, o número da perfeição, pois há três pessoas em Deus e

três virtudes teológicas. As coisas corpóreas e as espirituais consistem em três partes, começo, meio e fim. O mundo completa-se no três: harmonia, necessidade e ordem, isto é, a confluência das causas, a ordenação por número, peso e medida. O ciclo do tempo também é trino: passado, presente e futuro. Há três tipos de almas: vegetativa, sensitiva e intelectual. Há três poderes nas criaturas intelectuais: memória, entendimento e vontade. Há três ordens de abençoados: mártires, cristãos e inocentes. No ser há três correlativos, potência, objeto e ato.

O homem não é apenas a única criatura que reflete e tem consciência de si, mas é o único que se percebe transcendental a toda e a qualquer realidade, como bem nos fala Karol Wojtila na encíclica *Fides et Ratio*: "Não é fechando-se em si mesmo que o homem encontra a verdade dos valores, mas abrindo-se para as dimensões que o transcendem para recebê-la." (Internet)

Na reflexão humana vemos esta aspiração do imutável apostado ao transitório, pois as formas estruturais modificam-se, mas seu elemento potencializador perdura além das aparências, lembrando-nos que as possibilidades são infinitas.

“O conhecimento do bem, que Sócrates descobre na base de todas e cada uma das chamadas virtudes humanas, não é uma operação da inteligência, mas antes, como acertadamente Platão compreendeu, a expressão consciente de um ser interior do homem. Tem a sua raiz numa camada profunda da alma, em que já não se podem separar, pois são essencialmente uma e a mesma coisa, a penetração do conhecimento e a posse do conhecido” (JAEGER, 1995: 565).

O conhecimento do bem para Platão era algo mais vasto que a bravura, a justiça, ou qualquer outra virtude concreta. O bem é a “virtude em si” que se revela de modo diverso nas diversas virtudes. Não é possível ter uma parte dela e outra não, de maneira que: “O homem piedoso, que cumpra fielmente os seus deveres para com os deuses, mas que seja injusto para com seus semelhantes e desmedido no seu ódio e fanatismo, não será verdadeiramente piedoso” (JAEGER, 1995: 567).

Isto se explica porque o que geralmente se considera como virtude é um conglomerado de diversos processos unilaterais de domesticação, não raro moralmente contraditórios entre si. Na concepção platônica, o homem virtuoso é aquele que é justo, moderado, valente, piedoso, etc., tudo ao mesmo tempo, pois, do contrário, tais atributos ao invés de expressarem uma verdade universal, seriam meros produtos da normatização social, pois: “...é indubitável que a virtude concreta da valentia pressupõe o conhecimento do bem na sua totalidade” (JAEGER, 1995: 566).

Sócrates é tão inexorável neste ponto quanto na certeza inabalável de que a virtude é saber. Para Sócrates é impossível a fragmentação da virtude, e é notável a semelhança da unicidade da virtude na certeza socrática e na certeza luliana: em ambas a virtude não se fragmenta, pelo contrário, mantém uma relação de pertinência recíproca como uma delicada filigrana, onde cada fibra é imprescindível à harmonia e beleza do conjunto.

No entanto, não basta conhecer a virtude para ser virtuoso; nem aquele que conhece o bem quer necessariamente fazê-lo. Constitui uma contradição a vontade poder querer o mal, mesmo reconhecendo-o como tal. O sentido final da vontade não é sua destruição mas sua edificação. A vontade é em si mesma racional pois se dirige ao bem. Para esclarecer o fato de o homem se decidir freqüentemente pelo mal, Lúlio afirma que algo no ser interior está "desvirtuado", e quando determinada parte se encontra fora da rota prescrita, o risco de encontrar obstáculos é muito maior. É necessário então que o homem reencontre o verdadeiro caminho, restabeleça sua rota:

“- Ah, filho, disse o ermitão, quão grave coisa é a falta e o desvio da finalidade para a qual o homem existe! Porque convém que aquele desvio da finalidade para a qual o homem existe seja a oportunidade para a infinita duração de pena e de trabalho, porque é contra a infinita bondade, grandeza, eternidade, poder, sabedoria, vontade e justiça de Deus” (Félix ou o Livro das Maravilhas, livro VIII)

A ética fundamentada na capacidade humana de conhecer o bem e a verdade do ser é a única digna do nome "transcendental" e "universal". A gradativa eliminação da consciência universal extraviou a ação humana de seu fim e a conduziu aos intrincados labirintos do subjetivismo e utilitarismo, perdendo com isto o fio condutor da realidade. Em seu livro *Verdade, uma história*, o historiador Felipe Fernandez-Armesto revela como a sociedade humana perdeu a fé na verdade e abandonou essa antiga busca. Para ele existem quatro momentos fundamentais neste abandono histórico, a tradição oral, a tradição oracular, a tradição científica dos séc. XVII e XVIII, e a atual, a tradição dos sentidos, pós-kantiana e relativista. O autor se pergunta se é possível sobreviver sem a certeza de que a busca pela verdade universal é um componente essencial e imprescindível da humanidade (FERNANDEZ-ARMESTO, 2000)

"Só na obediência às normas morais universais, o homem encontra plena confirmação da unicidade como pessoa e possibilidade de verdadeiro crescimento moral." (Karol Wojtila, *Veritatis Splendor*, Internet)

I. A condição tridimensional do ser

Analogamente à realidade, Lúlio fundamenta todo o seu corpo doutrinal na noção de ser. Pode-se afirmar que a filosofia luliana é uma **filosofia do ato de ser**, ou uma metafísica do ser (*esse*). Deus é o ser por excelência, em total identificação com Sua divina essência, sendo por isto o único a subsistir por si mesmo e por extensão aos demais entes (JAULENT, 1995. *Internet*).

O ser luliano é pura perfeição porque engloba todas as perfeições (Dignidades). As Dignidades, também denominadas Imperatrizes ou ainda Virtudes (Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria, Vontade, Virtude, Verdade, Glória), são conversíveis entre si e à essência divina, que por sua vez é conversível com o ato puro de ser.

O ser é a atividade que coloca as coisas na realidade extra-mental. Deus, ser infinito, tem como atividade externa "dar" seu ser às criaturas e também às suas operações, inferindo daí que além de as conservar, ainda sustenta todos os seus atos. Este movimento divino não priva a criatura de sua "liberdade de ser", mas a move respeitando o que ela é; ou seja, segundo a idéia que existia em sua mente, e a esta idéia chamamos de *princípio potencializador da essência*. Deus move os seres dotados de alma racional respeitando a sua liberdade de tal maneira que as ações que estes seres realizam devem-se atribuir tanto a Deus como causa primeira como a eles próprios, como causa segunda. Esta co-atuação, este ato humano que é suportado pelo ato divino dá lugar à teoria das duas intenções e dos dois movimentos, melhor explicitados adiante.

As virtudes lulianas que estão em perfeita concordância, maioridade e eternidade no Ser divino. Também são as causas formais geradoras e mantenedoras da multiplicidade dos entes finitos. Deus é maior que o mundo porque suas virtudes são infinitas e seus atos infinitos, pois é eterno e o mundo, novo. Em Deus não há menoridade por que Ele é maioridade, e compete a Ele maiorificar, nunca menorificar.

O conceito luliano maiorificar está correlacionado a um dos princípios instrumentais citados mais adiante, que é a maioridade, que por sua vez se corresponde com a dignidade da grandeza, citada acima, e o termo menorificar corresponde ao princípio instrumental da menoridade, que não se corresponde com nenhuma das dignidades por sua própria definição: "A menoridade é ente cercado pelo nada" (CASTRO, 1929: 96), e fora de Deus nada pode existir, mas posto que o mundo não poderia existir sem as menoridades, Deus se dispôs a criá-las para que sua maioridade fosse melhor reconhecida por lhe ser oposta.

Essa concordância e identificação das virtudes com a essência e o ato divino não devem pressupor ociosidade, mas sim permanente atualidade, pois Ele,

no pensamento luliano, é dinamismo produtivo. O puro ato de ser luliano é a fusão de infinitas atividades, o ato de poder, o ato de bonificar, o ato de engrandecer, que se relacionam segundo certas regras instrumentais: distinção, concordância, contrariedade, princípio, meio, fim, maioridade, igualdade, menoridade:

Deus é aquele ente no qual a bondade, grandeza, eternidade e suas demais dignidades são uma mesma coisa em número. E Deus é aquele ente que tem em si todo complemento e plenitude, e que não necessita de algo fora de si. (CASTRO, 1929: 96)

Ou nesta passagem da obra *Félix, ou O Livro das Maravilhas* (1288-1289):

Depois que o santo homem lhe disse estas palavras, prendeu uma vara e fez um círculo ao redor de Félix, e perguntou a ele se lhe parecia existir fora daquele círculo alguma coisa mais necessária que dentro. Enquanto Félix se maravilhava com a pergunta que o ermitão lhe fez, o ermitão lhe disse que a grandeza concordava mais fortemente com o Ser que a pequenez, e uma vez que o que estava fora do círculo estava em grandeza superior ao de dentro, é mais necessário que fora do círculo exista alguma coisa maior que o que existe dentro (Livro I, De Deus).

Na constituição da realidade existencial as virtudes divinas se contraem e se rebaixam, sendo então denominadas por Lúlio de princípios generalíssimos, tendo em conta que nos entes finitos eles serão igualmente finitos, e a única semelhança que guardam com a origem infinita são a natureza correlativa e a correspondência, feixe contínuo de relações, o tecido existencial é formado pela penetração e sobreposição destes princípios (FLASCH: 1988).

A atividade dos princípios reflete a atividade divina, e com a exceção de Deus, que os contém em total plenitude, todos os outros entes existem porque estão constituídos por combinações finitas das virtudes infinitas. Para explicar de que maneira o ser permanece sendo, ou seja, como se dá essa atualidade, Lúlio enfoca a concepção de tridimensionalidade, o ato de ser unindo sempre uma potência a um objeto; nenhum ato operaria sem a presença simultânea dos três correlativos. Como exemplo, tomemos a ação de amar: sua existência somente é possível através de três elementos necessários, o amor, o amante e o amado. Para que a potência do amor seja transmitida ao seu objeto, no caso o amado, é indispensável a conexão exercida pelo amante, ponto de união entre os dois.

Cabe ressaltar a simultaneidade dos correlativos; o amor perfeito, como no exemplo citado, não é estático, mas união ativa de três momentos: da essência, capaz de tornar algo amável (o amor), do objeto que pode ser amado, e da

união dos dois, efetuado pelo terceiro elemento, o que ama, ou o que exerce a ação de amar. Neste sentido, o originário é apenas a unidade; não existe transição, porque a transição já é a própria realidade. O ato de amar é uno, e deste modo é visto na realidade, mas dentro de si, carrega o poder de se expandir trinitariamente (agente, paciente e ação; ou ainda potência, objeto e ato) e esta é a base da transcendência e da perfeição do ser Iuliano.

A teoria Iuliana dos correlativos se espelha na Trindade, e a comprova irrefutavelmente. O ser deseja a plenitude, que é seu princípio, seu meio e seu fim, e a realiza através dos três correlativos presentes no próprio ato. O ser é uno e trino. Uno em essência e trino em ação:

Depois deste exemplo o ermitão disse a Félix que Deus é aquele ao qual pertence uma obra que nenhum outro pode fazer, senão Deus tão somente, obra que Deus faz nas criaturas. Mas aquilo pelo qual se tem maior conhecimento do que Deus é em si mesmo é saber como Deus em si mesmo e de si mesmo gera a Deus, isto é, que Deus o Pai engendra Deus que é Filho, e do Pai e do Filho sai Deus que é Espírito Santo, e todos os três são somente um Deus (*Félix ou o livro das Maravilhas*, Livro I, De Deus).

E ainda:

- Senhor, disse Félix, muitas vezes tenho vontade de perguntar aos sábios de nossa lei a maneira segundo a qual Deus é Um em essência e existe em trindade de pessoas. E pelo pavor que o possa entender, duvidava perguntar sobre a santa Trindade, da qual vos peço que me digais tantas palavras com as quais eu a possa entender... após estas palavras o ermitão fez em sua face o sinal da cruz, na esperança da ajuda de Deus, e disse à Félix estas palavras sobre a Trindade: - é coisa manifesta Nosso Senhor Deus ter criado tudo quanto existe para dar amor e conhecimento de Si às gentes. Por isso — porque Ele é um em essência e em Trindade de pessoas — Deus deseja que o mundo seja um em essência e que exista em três coisas diversas, as quais são sensualidade, intelectualidade e animalidade. Sensualidade são as coisas sensuais, que são corporais e sensíveis; pela intelectualidade entendemos o que é a alma do homem ou o que são os anjos. Pela animalidade entendemos o homem e que ele é ajustado de coisas corporais e espirituais. Nesta três coisas está todo o mundo, o qual é um e existe nessas três coisas acima ditas, sem as quais o mundo não estaria na unidade na qual existe, nem as três coisas seriam o que são, sem que cada uma fosse em si mesma uma coisa em três coisas. Isto é, todo corpo é um e existe em três coisas, as quais são matéria, forma e conjunção, que é o resultado da matéria e da forma em ser um corpo ajustado de matéria e forma. A alma é uma em essência e existe em três coisas diversas que formam o ser da alma, sendo essas três coisas a memória, o entendimento e a vontade, sem as quais a alma não poderia ser uma substância. O animal é feito de três coisas, isto é, corpo, espírito e a conjunção, pela qual o corpo e o espírito se ajustam e formam um animal, isto é, homem, leão, ave, e assim todas as outras coisas que são ajustadas de corpo e alma. E num desses três

nomes está o mundo e tudo quanto foi criado substancialmente, significando que a substância de Deus é uma e existe em três pessoas distintas, isto é, Pai, Filho e Espírito Santo. Porque se Deus não fosse uma unidade de substância e uma trindade de pessoas, não teria criado tudo quanto existe à Sua semelhança, não poderia ser conhecido e amado pelos homens, e os homens estariam em queda se não pudessem conhecê-lo, porque estariam em falta por não conhecer Sua semelhança e a semelhança do mundo, e o que o mundo contém. (*Félix ou o livro das Maravilhas. Livro I, Da Trindade*)

Na alma existem cinco potências, a vegetativa, a sensitiva, a imaginativa, a motriz e a racional. Somente no homem se encontram todas cinco e por isso sua alma participa de toda criatura. A alma racional opera acima de todas as outras e é senhora das demais por ser a única a possuir a trindade anímica da memória, do intelecto e da vontade, porque o homem foi feito para lembrar, entender e amar a Deus. Vejamos esta passagem:

- Senhor, disse Félix, porque o homem vive neste mundo?" O ermitão respondeu: "o homem vive neste mundo para lembrar, entender e amar a Deus. E o homem também vive neste mundo para que possa viver no outro século em glória perdurável (*Félix ou O Livro das Maravilhas, cap. XVIII*).

Quanto mais a trindade operar no nosso ser, tanto mais Deus se fará presente e co-atuante em nós, por que é característico de toda aquisição da consciência tornar-se elemento constitutivo dela mesma. A princípio, a participação humana nas virtudes divinas pode parecer uma tentativa de generalização ontológica, na qual o homem é interpretado genericamente em sua condição de ente, mas não é neste sentido que se deve interpretar a ética universal de Lúlio, posto que a filosofia luliana é uma filosofia do concreto, e não uma abstração.

Resumidamente, a concreção vê o ente participando em maior ou menor grau do ser, sendo mais ente o que mais participa. No caso do homem, essa participação é direta em função da trindade anímica racional. O ente 'Homificante' é aquele que possui em grau superlativo a virtude, sendo por extensão o mais nobre da criação, o que se elevou à categoria de ser pessoal, que não se repete. Por gozar desta rica condição pessoal, está mais próximo de Deus, é o ser ético, onde tudo existe em possibilidade.

II. O ser livre é bom

Lúlio distingue no ser ético duas intenções: a primeira é a que orienta o homem para a sua finalidade, que é conhecer e amar a Deus. A segunda existe para que o homem desfrute dos méritos advindos da primeira. Como afirma Jaulent:

Deus, segundo Lúlio, atribuiu uma única intenção ou finalidade ao universo, porém deu duas intenções ao homem. Este deve pôr sua primeira intenção em conhecer, amar e servir a Deus, e a segunda no mundo, a fim de possuir os bens necessários para o cumprimento da primeira intenção. A segunda intenção, pois, no homem, está subordinada à primeira. O pecado consiste em pôr a primeira intenção na busca de si e dos bens deste mundo, deixando Deus em segundo lugar (JAULENT, 1989: 112, nota. 24)

Como a segunda implica em menoridade, é inexistente em Deus, que é única e eterna intenção. No ente finito, as duas intenções operam segundo a lei moral e a lei natural. O homem pode operar segundo as duas maneiras, mas também existe nele a possibilidade de desviar ou inverter as intenções, utilizando mal o livre-arbítrio condizente com sua condição de ser mais digno. Por essa condição o homem é livre para obrar o bem, mas pode obrar o mau. Só existe moral onde há liberdade. É através da liberdade que o homem se configura como causa de si mesmo, e em Lúlio a sede da liberdade é a vontade. A livre vontade nasce de dois contrários, que são o ser e a privação. O livre-arbítrio em Lúlio não equivale ao poder de "escolher" fazer o bem ou o mal. O homem só é livre para fazer o bem, porque se fosse livre para fazer o mal, teria obrigatoriamente o "poder" para isso, e então teria sido criado poder contra poder e liberdade contra liberdade.

O homem é livre para ser o que é; não para ser o que não é. No homem, a grandeza do poder (uma das virtudes) apenas se manifesta, fortalece e multiplica quando é utilizada para vencer o mal, do contrário se enfraqueceria. O mal se alimenta dos opostos divinos (concepção binária encontrada em grande parte da obra luliana), por isso nunca é grande em poder, pois se assim o fosse, se alimentaria do ser. Deus manifesta sua grandeza até na possibilidade do pecado, pois se o homem não pudesse pecar, não seria livre, não seria grande e nem virtuoso. A liberdade é, portanto, a forma dada ao homem para que livremente faça o bem, e livremente se esquive do mal. Mas por que o homem freqüentemente busca o contrário disso quando tem a virtude do bem em sua alma racional? Para Lúlio, o homem se inclinou a amar e servir a si próprio mais que a Deus.

III. A consciência do mal

Nos *Provérbios do Tronco Moral* (In: CASTRO, 1929, 118) a virtude afirma ao vício que o acusará no dia do Juízo, o vício alega que o livre-arbítrio o absolverá de qualquer acusação. A virtude rebate, afirmando que não teme o livre-arbítrio posto que o vício não tem consciência.

Neste breve e interessante parágrafo, Lúlio delinea todo o sentido de sua ética. A virtude é a razão de ser do ser, a consciência da virtude está no ser. Na medida em que há mais virtude em uma criatura, diz-se que mais ser há. Num enfoque cognitivo, à maior virtude corresponde a maior lucidez. No caso citado acima, "consciência" significa conhecimento, lucidez.

Prosseguindo, o vício conclui que o livre-arbítrio o defenderá, quando na verdade foi o mal uso do livre-arbítrio que firmou o vício no ser, e com a repetição de atos viciosos o ser ficaria cada vez menos lúcido, ou "sem consciência", como diz o provérbio. De um modo geral, a virtude faz com que sejamos virtuosos e possamos produzir atos virtuosos. Portanto, o caminho até a perfeição em Lúlio não vai depender do conhecimento de um código de leis, mas na consciência do que é justo. O homem virtuoso - consciente -, expande seu ser através de suas ações. Já o homem viciado abomina seu ser e desvirtua sua vontade. Sem a virtude, a vontade não pode seguir o entendimento e a memória e conseqüentemente não ama e não pode querer o bem. O certo é que quando a vontade está "torta", força o entendimento a julgar como boa uma conduta má, porém agradável a ela. O homem mau gosta do mal, pensa que o mal é um bem. Só o homem bom ama o bem e só o homem que odeia o mal é capaz de entendê-lo.

Em Lúlio, o livre-arbítrio ou simplesmente a liberdade, é composta de dois momentos fundamentais que representam seu aspecto cognitivo: o conhecimento e a capacidade de agir. O conhecimento é alimentado pela virtude. A noção de virtude em Lúlio é a de qualidade habitual, sendo total atividade. Não encontramos passividade na filosofia luliana. Se as virtudes são hábitos, é preciso não esquecer que os hábitos são também atos permanentes, que não têm princípio nem fim, e um ato integra o outro numa espécie de unificação da multiplicidade.

...Deus criou o homem livre na virtude; mas por si mesmo caiu na servidão, porque não se conheceu a si mesmo (...) O homem que é servo do pecado não tem livre vontade, porque a justiça o tem posto no cárcere. Nenhum homem que está na virtude está na servidão. (CASTRO, 1929: 123)

Conclusão

O objeto da metafísica luliana é o homem concreto, o ser individual, com todas as suas peculiaridades. Em vista disto, a ética cristã é a que mais se assemelha à concepção luliana, onde o que se busca é a salvação de cada homem. A dignidade não é atributo exclusivo de uns poucos escolhidos, mas virtude intrínseca ao indivíduo. Deste modo, a conduta humana se normatizaria a partir de uma qualidade habitual já inerente, por ser o homem a

única criatura verdadeiramente livre para alcançar seu apogeu ontológico, e não através de um sistema pré-estabelecido e coercitivo.

A ética universal luliana não visa homogeneizar o ser, generalizá-lo. O ser ético universal e transcendental luliano é aquele que partiu da homogeneidade para a heterogeneidade, o que cumpriu integralmente sua finalidade, assegurando com isto maior singularidade e maior semelhança com Deus, ser único e singular.

O poder do ser de operar trinitariamente alcança cada um dos aspectos e atributos particulares de qualquer realidade. A universalidade não pode prescindir da particularidade e da concreção, porque cada uma dessas particularidades são contempladas na medida em que todos são. A singularidade não se refere à mera distinção entre os entes, mas à condição pessoal deste ente. O crescimento da individualidade humana está intimamente ligada à sua categoria superior ontológica. As realidades pessoais estão acima das realidades infra-pessoais.

O pensamento moderno niílista, que nega a possibilidade de se conhecer o fundamento da realidade, é rejeitado no pensamento luliano. Na concepção moderna, o *Cogito ego sum* filia o ser à ciência, tornando-o mera consequência desta, mas para Lúlio, o ser é o fundamento de tudo o que pensamos, agimos e somos. Através dele o homem é chamado a transcender seus próprios limites num exercício constante de sua essência divina.

Fontes

RAIMUNDO LÚLIO. *Livro do amigo e do amado* (trad. e rev. de Esteve Jaulent). São Paulo: Edições Loyola, 1989. Também publicado na *INTERNET*

RAMON LLULL. *Félix ou o Livro das maravilhas* (trad. de Ricardo da Costa e Grupo I de Pesquisas Medievais da Ufes). Publicado na *INTERNET*.

Bibliografia

CARRERAS Y ARTAU, Tomás y Joaquín. *História de La Filosofia Espanola*. Madrid, 1943.

CASTRO, Adolfo de. *Biblioteca de Autores Espanhóis. Obras Escogidas de Filósofos*. Madrid, 1929.

DE BONI, LUIS A. (org). *Lógica e Linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Verdade, uma História*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.
- FLASCH, Kurt. *Das philosophische Denken im Mittelalter. Von Augustin zu Machiavelli*. [O pensamento filosófico na Idade Média. De Agostinho a Maquiavel.] Philipp Reclam jun., Stuttgart, 1988, p. 381-394 (trad. de Edson Dognaldo Gil). Publicado na INTERNET.
- JAULENT, Esteve. *Arbor Scientiae: Inmanencia o Transcendência En El Pensamiento Luliano*. Publicado na INTERNET.
- JAULENT, Esteve. *O esse na ética de Raimundo Lúlio (Ramon Llull)*. VERITAS, Porto Alegre (1995), Vol. 40, nº 159, pp. 599-621 e em DE BONI, Luis Alberto (org.). *Idade média: Ética e Política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, pp. 395-421. INTERNET
- WERNER, Jaeger. *Paidéia. A formação do homem grego*. Martins Fontes: São Paulo, 1995.
- WOIJTILA, Karol. Carta encíclica *Fides et Ratio*.
- WOIJTILA, Karol. Carta encíclica *Veritatis Splendor*.